

**JOSÉ CUSTÓDIO VIEIRA DA
SILVA E PEDRO REDOL. 2008**
MOSTEIRO DA BATALHA
SCALA / IPPAR

FRANCISCO TEIXEIRA

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

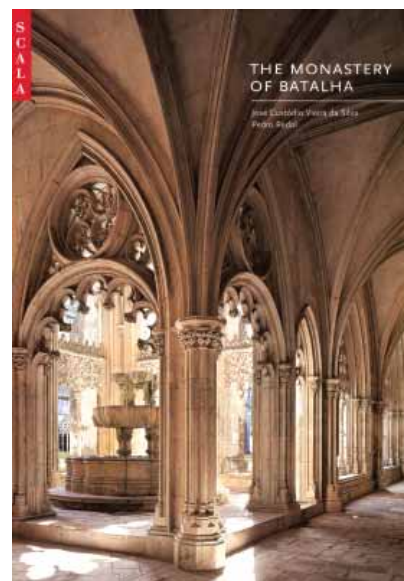
Como ponto prévio à apresentação da importantíssima obra de José Custódio Vieira da Silva, desta feita realizada conjuntamente com Pedro Redol – especialista no estudo de vitrais – convém aditar uma pequena nota sobre o relevante trabalho da editora Scala, em particular no que se refere à colecção em que esta obra se insere e que já habitou os leitores a obras escritas por conceituados especialistas dos monumentos estudados, à presença de uma síntese rigorosa, dando conta do estado actual dos conhecimentos e uma qualidade de imagens que permite facilmente ao leitor acompanhar as leituras elaboradas nos corpos dos textos.

O que se diz em cima sobre esta colecção em geral resume, de facto, as qualidades mais impressionantes do mais recente trabalho de José Custódio Vieira da Silva, sendo ainda de realçar que esta obra põe à disposição de todos os interessados por arquitectura medieval um estudo detalhado e inovador sobre o Mosteiro da Batalha, uma construção da maior relevância no território português.

Das inovações de leitura que decorrem de uma pormenorizada análise formal e estilística do Mosteiro, deve realçar-se a clarificação, na continuação de trabalhos anteriores, da importância do tardo-gótico na arquitectura e da sua complexidade estética que decorrem de um trabalho exemplarmente apresentado ao longo de 11 capítulos que detalharemos seguidamente.

No primeiro capítulo, José Custódio Vieira da Silva estuda os problemas relativos à fundação desta casa religiosa, para o que legitimamente valoriza o testamento de D. João I, seu fundador, distanciando-se de outras análises, nomeadamente de Elie Lambert – em que a matriz da argumentação se baseava no muito citado plano Bernardino, existente em várias igrejas dos mosteiros cistercienses.

O segundo capítulo – “O programa construtivo e os arquitectos” – permite ao leitor obter um conhecimento global sobre os responsáveis pelo estaleiro do Mosteiro, desde Afonso Domingues até ao início do século XVI, distinguindo os diferentes espaços que foram da responsabilidade edificatória de cada um. No capítulo seguinte, são explicitados os precedentes arquitectónicos susceptíveis de serem detectados numa



análise formal e estilística do convento dominicano. Aí, as soluções arquitectónicas de Afonso Domingues são associadas à arquitectura medieval edificada especialmente em Lisboa e Santarém, sendo igualmente sublinhadas outras comparações, por exemplo com o Mosteiro de Leça do Bailio.

José Custódio Vieira da Silva, numa via já percorrida por Mário Tavares Chicó e Gérard Pradalié, associa algumas soluções arquitectónicas do Mosteiro com o coro alto de S. Francisco de Santarém, mas colocando a hipótese inovadora do próprio Afonso Domingues ter a responsabilidade dessa invulgar solução construída na igreja escalabitana. Os capítulos seguintes oferecem uma análise arquitectónica e da escultura monumental dos diferentes espaços, a começar pela igreja, o que encontra a sua justificação – como o autor sublinha – não só pela sua importância simbólica, como pelo próprio destaque que lhe foi concedido por D. João I, bem como pela sua importância na arquitectura medieval portuguesa.

Ao longo da obra, a reflexão sobre os diferentes espaços funcionais desta casa religiosa permite a José Custódio Vieira da Silva pôr em relevo dois aspectos fundamentais: por um lado, a existência de características relevantes que integram a arquitectura do Mosteiro na corrente mediterrânica; por outro, a importância do tardo-gótico para a compreensão de muitas soluções arquitectónicas e escultóricas.

O destaque para a direcção de mestre Huguet à frente do estaleiro é justamente evidenciado pela introdução de um conjunto de novidades no panorama da arquitectura portuguesa: a existência de arcobotantes sobre as naves laterais; a capela-mor com dois andares ou a sala do capítulo que este mestre cobriu com uma abóbada única. O estudo do trabalho escultórico, desenvolvido a par da fina análise arquitectónica, permitem ao autor levantar os principais aspectos presentes no conjunto edificado, em que se sublinha a importância do estaleiro como oficina de escultura para o século XV. Vários aspectos de índole iconográfica e estilística são destacados: a importância da heráldica; o importante programa iconográfico do portal principal, com características iconográficas e de composição pouco comuns; a imagem do mestre pedreiro ou a figura arcaizante da Virgem. Deste modo, o autor debruça-se sobre um conjunto de soluções iconográficas que merecem a atenção de quem quer utilizar esta obra apenas como um guia seguro para a leitura das imagens existentes, embora as reflexões expostas mereçam também a atenção do investigador pelas questões que sugerem e, em particular, pelo confronto que merecem com leituras anteriores, desde as mais antigas de Vergílio Correia até às mais recentes de Paulo Pereira.

O último capítulo dedicado aos vitrais – e da autoria de Paulo Redol – apresenta de um modo necessariamente sucinto as grandes questões que o conjunto de painéis suscita. A cronologia do programa de vitrais, a extensão dos restauros efectuados no século XIX, os vitrais encomendados por D. Manuel I e a presença documentada de mestres estrangeiros e de pintores na sua realização.

Com esta obra o leitor dispõe de um estudo rigoroso, aliado à elegância da escrita, que pode ser utilizado como um guia seguro para a visita do mosteiro de Batalha. O investigador encontrará análise e perspectivas cuja novidade merece também uma cuidadosa reflexão. ●